

INTERIORES ARQUITECTURA ARTE DESIGN :: INTERIORS ARCHITECTURE ART DESIGN

40 JUL/AUG 2011

ATTITUDE

©INTERIOR DESIGN

LUMINOSO BRIGHT

ARQUITECTOS/ARCHITECTS

TMA/PPS

ARTISTAS/ARTISTS

T. YOSHIOKA/UVA/GIL H. CORTESÃO

DESIGNERS

LINDSEY ADELMAN/SPACE

INTERIORES/INTERIORS

USA/SPAIN/CANADA/PORTUGAL



PORTUGAL CONT. 6,00€ - GERMANY 8,50€ - ITALY 8,50€ - FRANCE 8,50€ - BELGIUM 8,50€

Gil Heitor **CORTESÃO**

DO OUTRO LADO DO ESPELHO

FROM THE OTHER SIDE OF THE MIRROR



GIL HEITOR CORTESÃO

Estúdio / Atelier

A Sombra, 2011
FOTO/PHOTO © TERESA SANTOS + PEDRO TROPA

Gil Heitor Cortesão nasceu em 1967 em Lisboa, cidade onde completou a formação em Pintura. Expondo internacionalmente desde os anos 90 e marcando presença em várias colecções públicas, o seu trabalho demarca-se desde logo por um processo técnico altamente individualizado.

A pintura sob vidro é uma técnica histórica mais comum nas artes decorativas populares do que nas Belas-Artes e rara em Portugal. O vidro acrílico começou por ser mais um suporte, mas tornou-se gradualmente numa peça central do processo criativo de Gil Heitor.

Uma obra de arte é sempre resultado de um processo, que para Gil Heitor começa com um estímulo que pode ser "uma imagem, uma situação, uma ideia, um sonho, uma viagem, uma mistura dessas várias coisas". Mas é na materialização pictórica da ideia que a obra se decide: "Interessam-me os acidentes que vão acontecendo, as alterações que surgem quando os esboços começam a ganhar visibilidade, as ideias que surgem depois, as coisas inesperadas." Tudo isso é exponenciado pelo método utilizado.

Segunda pintura semi-amestrada, 2009
FOTO/PHOTO © TERESA SANTOS + PEDRO TROPA

E é o método que permite também dar um passo difícil, o de colocar o ponto final na obra: "Ao contrário do processo clássico, cumulativo, sobre tela, no vidro quando a superfície está toda coberta já não é possível actuar sobre ele". O processo pictórico é inverso ao clássico. Gil Heitor começa pelos pormenores, e vai aumentando a escala até que a última coisa a pintar é o fundo da imagem.

No equilíbrio entre ideia e estética, o meio torna-se parte integrante da obra de arte: "A pintura é sempre um acontecimento e não uma pura transposição e por isso tem que haver traços desse acontecimento especificamente pictórico, que é algo que por vezes desestabiliza a própria imagem." Os quadros causam no espectador uma certa estranheza, derivada em parte da inversão entre o que o pintor fez de um lado do vidro e o que se vê do avesso.

Os espaços, reais ou imaginários – ou reais convertidos em surreais pela mão do artista – estão normalmente vazios de pessoas, porque lhe interessa "explorar aquilo que associamos aos diversos espaços arquitectónicos, aquilo que esperamos deles e subvertê-los, torná-los inquietantes, afastados da nossa experiência real do espaço". Os teatros ou as piscinas sem ninguém tornam-se claustrofóbicos. As casas vazias fazem o espectador sentir-se como se estivesse a entrar na intimidade alheia sem ter sido convidado.

A escolha da época dos anos 50 e 60 explica-se não só pela atracção por aquela estética, mas também porque lhe relembra um tempo que lhe é familiar, mesmo se ocorreu antes de ter nascido, e finalmente pela estranheza que associa à história do modernismo no design e arquitectura do século XX. "As peças projectadas para um futuro que nunca aconteceu são agora vistas como retro, criando uma espécie de confusão perceptiva e cronológica, um espaço entre o passado e o futuro, ou um futuro já passado..." o que se calhar diz mais sobre o nosso tempo do que sobre o que passou. ::



Estúdio / Atelier

Gil Heitor Cortesão was born in 1967 in Lisbon, where he completed his degree in Painting. Having exhibited his work internationally since the 90s, and having been chosen to be included in several public collections, his work stands out from the outset due to its highly individualised technical process.

Painting under glass is an historical technique, rare to find in Portugal, far more common in the decorative folk arts than in the Beaux-Arts. Plexiglas began by being just another surface in Gil's work but gradually became a central piece to his creative process.

A work of art is always the outcome of a process that for Gil begins with a stimulus that may come from "an image, a situation, an idea, a dream, a journey, a mix of these different things". But it is the pictorial materialisation of the idea that decides the outcome of the art piece: "I am interested in the accidents that occur, the changes that happen when sketches come to life, the ideas that emerge later on, the unexpected things." All this is maximised by Gil's choice of method. And it is his method that allows for a difficult step, to set an end to the work of art: "Unlike the cumulative classical process of painting on canvas, when the glass surface is all covered up it is no longer possible to interact with it." The pictorial process is the opposite of the classical one. Gil Heitor begins by the fine details, and gradually enlarges the scale of the image up until the point that the last thing to paint is its background.

Manifestação, 2004
FOTO/PHOTO © JOSE MANUEL COSTA ALVES

In the balance between the idea and the aesthetics, the media becomes an integrative part of the work of art: "Painting is always an event and not a pure transposition, and that is why there must be evidence of that specifically pictorial event, which is something that sometimes unravels the image itself." The paintings provoke in the spectator a certain discomfort, hailing in part from the inversion between what the artist has done on one side of the glass and what you can see from its reverse.

The spaces, real or imaginary – or real but converted into surreal by the hand of the artist – are normally void of people, because Gil's intention is "to explore what is associated to the diverse architectural spaces, what we expect from them, and to subvert them and make them unnerving, far from our real experience of space". Theatres or public pools without anyone become claustrophobic. Empty houses make the observer feel as if he was entering someone else's intimacy uninvited.

The option for the 50s and 60s is based not only in the attraction by that particular aesthetics, but also because it reminds Gil of a time that feels familiar to him, even if it took place before he was born, and finally by the address that he associates to the history of Modernism in the 20th century design and architecture. "The pieces designed for a future that never happened are now looked upon as retro, creating a sort of perceptiva and chronological confusion, a space between the past and the future or a future that is already past..." which perhaps has more to say about the time we live in rather than the one that has gone by. ::